

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020

1 – Mundo

1.1 – Produção Mundial

Segundo a Organização das Nações Unidas para a alimentação – FAO, a produção mundial de mandioca no ano de 2018 foi de 277,8 milhões de toneladas. Esse volume não tem apresentado grandes oscilações, embora o crescimento é contínuo e as maiores taxas ocorreram entre os anos de 2012 e 2015 quando registrou um aumento de 6% e passou de 277 para 293 milhões de toneladas.

Destacando-se, todavia, a expressiva contribuição do Continente Africano e, nele a Nigéria com 59,4 milhões de toneladas, o que significa cerca de 35% da produção africana e 21% do total mundial. Na sequência o Congo com 29,9 milhões de toneladas, ocupando o segundo lugar. Assim sendo, a África já alcançou a cifra de 60% do volume produzido de mandioca no mundo.

A FAO também estima que a mandioca alimenta cerca de 700 milhões de pessoas no mundo, em especial nos países africanos onde predomina a renda mais baixa. Ressalta-se também que apesar da importância sócio- econômica que a cultura desempenha naqueles países, a produção é oriunda de pequenas propriedades, com pouca tecnologia e com baixa produtividades. Na Ásia, aparecem com grande destaque Tailândia e a Indonésia, onde a produção também se expande de forma considerável. Nestes dois países, o nível tecnológico é bastante avançado, com grandes extensões de plantios e a produção é canalizada principalmente às indústrias de fécula e de “pellets”, visando essencialmente o mercado externo.

Embora seu crescimento agrícola seja mais modesto, a Ásia construiu grandes plantas industriais, durante as últimas décadas. Atualmente, a Tailândia é o maior produtor e exportador de fécula

de mandioca do mundo. É também responsável pela produção de grandes volumes de “pellets” que são exportados principalmente para a União Europeia, onde são empregados na composição das rações para animais.

Dentre os maiores produtores asiáticos destacam-se a Tailândia e a Indonésia, representam cerca de 59% da produção de mandioca na Ásia, que registrou em volume de 80,6 milhões de toneladas no ano de 2018. A Tailândia passou por um período bastante intenso de industrialização de mandioca durante os últimos anos. Além do avanço industrial, a Tailândia se destaca com vários centros de pesquisa, geralmente coordenados pelos órgãos do governo. Desta forma os projetos são custeados com recursos oficiais e também complementados com verbas das industriais e também uma parcela menor pelos agricultores rurais.

Atualmente, a produção de mandioca na Tailândia é da ordem de 59,4 milhões de toneladas e significa uma certa estabilidade nos últimos 3 anos. Com tanto apoio que a cultura vem recebendo, o País tornou-se líder absoluto e já atinge cerca de 85% das exportações mundiais de fécula e de “pellets”.

Enquanto nos países africanos e asiáticos a produção de mandioca aumenta consideravelmente, na América Latina houve cerca estagnação. Após um período em que a participação na produção mundial havia superado 30%, nos últimos anos ficou reduzida para menos de 10%. Evidentemente, alguns fatores foram determinantes para esta redução; com destaque a intensa mecanização das demais lavouras como soja, milho e trigo na maioria dos estados brasileiros. A falta de mão de obra no campo e a substituição do consumo animal de mandioca por ração balanceadas, também contribuíram para a redução da produção brasileira de mandioca.

Vale ressaltar que na América Latina, o Brasil se destaca com mais de 70% da produção de

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020

mandioca e tudo alcançado 30 milhões em 2018. Atualmente observa-se uma forte tendência pelo plantio de soja cultura totalmente mecanizada e que oferece a garantia de comercialização.

Tabela 01 - MUNDO - Produção De Mandioca Em Raiz, Nos Principais Países (Milhões De Toneladas) 2015 a 2018

Países	2015	2016	2017	2018
África	172,7	172,8	168,3	169,6
Nigéria	57,6	59,5	59,3	59,4
Congo*	34,9	34,5	31,0	29,9
Gana	17,2	17,7	19,0	20,8
Outros	63,0	61,1	59,0	59,5
Ásia	87,6	85,1	82,7	80,6
Tailândia	32,3	31,1	30,8	31,6
Indonésia	21,8	20,2	19,0	16,1
Ouros	33,5	33,8	32,9	32,8
América do Sul	30,4	28,3	25,9	25,2
Brasil	23,0	21,0	18,5	17,6
Outros	7,4	7,3	7,4	7,6
Total Mundial	293,0	288,4	279,3	277,8

Fonte: FAO, SEAB/DERAL, 2020.

*República Democrática do Congo

2 – Brasil

2.1 – Produção no Brasil

A produção brasileira de mandioca que chegou aos 30 milhões de toneladas nos anos de 1970, cedeu o título de maior produtor mundial para a Nigéria. Na sequência o segundo e o terceiro colocados para a Tailândia e a Indonésia. O último levantamento do IBGE indica uma produção de apenas 18,7 milhões de toneladas para a safra de 2019/20. Caso essa previsão se confirme, será uma das menores produções brasileiras de mandioca da série histórica.

Porém, não é apenas o avanço das culturas mecanizadas como a soja e o milho ou a falta de mão de obra que restringem o plantio da mandioca. Uma das características da mandiocultura brasileira é o

seu consumo voltado para o mercado interno e com pouca presença no comércio internacional. Esta situação fragiliza com muita facilidade os preços todas as vezes quando a produção atinge maiores volumes, obrigando nestas ocasiões o uso dos recursos da Política de preços mínimos do Governo Federal.

2.2 – Principais Regiões Produtoras

O cultivo de mandioca está presente, em menor ou maior escala, em todas as regiões brasileiras, porém a maior produção se concentra no Norte e Nordeste do País. Desta forma a Região Norte corresponde com 38%, o Nordeste 17,9%, Sul 24,2%, Sudeste 11,9% e Centro-Oeste com 7,7%. O Nordeste já foi a principal região produtora de mandioca, porém nos últimos anos vem enfrentando frequentes secas, o que afeta os plantios nos principais estados produtores.

As regiões Norte e Nordeste guardam grande semelhança, tanto na produz como no consumo. Nestas regiões os cultivos são explorados por centenas de pequenos produtores e geralmente no sistema de Agricultura Familiar. Ambas possuem muitas casas de farinha e todas de pequeno porte, onde boa parte do processo industrial é realizado manualmente, o que emprega um grande contingente de mão de obra. Já no Sul e Sudeste que corresponde ao Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo também se identificam pois predominam as lavouras em grandes áreas e alguns avanços já na mecanização. Também possuem em comum as indústrias de fécula e de farinha consideradas de médio e grande porte. (TABELA – 2).

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020
Tabela 02 - BRASIL – Principais Estados, Área, Produção e Produtividade – 2019/2020

Regiões / Estados	Área (1000t)	Prod. (1000t)	Produt. (kg/ha)	Partic. (%)
Norte	507	7.150	14.103	38,3
Pará	278	3.829	13.773	20,5
Amazonas	135	1.240	9.185	6,6
Acre	35	1.001	28.600	5,4
Outros	59	1.080	18.305	5,8
Nordeste	427	3.342	7.827	17,9
Bahia	133	963	7.241	5,2
Maranhão	53	411	7.755	2,2
Ceará	59	451	7.644	2,4
Outros	182	1.517	8.335	8,1
Sul	216	4.527	20.958	24,2
Paraná	140	3.321	23.722	17,8
Rio G. do Sul	57	842	14.772	4,5
Santa Catarina	19	364	19.558	1,9
Sudeste	139	2.217	15.950	11,9
São Paulo	80	1.394	17.425	7,5
Minas gerais	39	547	14.026	2,9
Outros	20	276	13.800	1,5
Centro Oeste	75	1.437	19.160	7,7
Mato G. do Sul	45	972	21.600	5,2
Mato Grosso	18	274	15.222	1,5
Outros	12	191	15.917	1,0
Brasil	1.364	18.673	13.690	100

Fonte: IBGE. SEAB/DERAL, 2020.

2.3 – Produção Brasileira de Fécula

Dentre os produtos obtidos com a industrialização a partir da matéria prima da mandioca, a fécula apresenta o maior avanço, tanto em seu aspecto das modernas fábricas quanto na sua utilização nos mais diversos setores. A fécula é largamente utilizada nas indústrias de papel e papelão, alimentícia, química, farmacêutica e a têxtil.

Na indústria alimentícia o uso de fécula entra na composição da tapioca, no pão de queijo, na panificação, no sagu, entre outros. Estes produtos que ao longo das últimas décadas eram consumidos em larga escala, principalmente nos estados nordestinos e no Norte do País, atualmente vem

ganhando mercado nos demais estados. Na Região Sul do país em geral as pessoas não têm o hábito de consumir os produtos de mandioca, somente nos últimos 3 ou 4 anos observa-se uma crescente demanda, principalmente pela tapioca, que em alguns casos até substitui o pão no café da manhã.

Segundo a pesquisa anual de campo realizada pelos técnicos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA/ESALQ a produção brasileira de fécula de mandioca vem registrando volumes entre 500 mil e 600 mil toneladas. Em 2019 o país produziu cerca de 504 mil toneladas. Esta pesquisa confirma também a forte concentração das indústrias de fécula no estado do Paraná, que conta com 42 unidades de um total de 71 existentes no Brasil. Assim, o Paraná representa 59% das indústrias e cerca de 64% da capacidade instalada, o que significa aproximadamente 14.000 toneladas de raiz de mandioca/ dia. A industrialização de mandioca no Paraná teve o seu crescimento mais acelerado a partir dos anos 80. Este significativo aumento no número de plantas industriais veio de encontro ao incentivo que alguns municípios ofereciam aos empresários que investissem no Paraná. É importante frisar que muitos desses empresários transferiram suas plantas industriais do Estado vizinho de Santa Catarina. Além das benesses que os prefeitos ofereciam aos novos empresários, o Paraná apresentava vantagens na produção agrícola de mandioca, como clima favorável e uma disponibilidade de terras que antes eram ocupadas com as lavouras de café.

A concentração das indústrias de fécula deve-se nos Núcleos Regionais de Paranavaí, Umuarama, Campo Mourão, Maringá e Toledo. Das 42 fecularias, a distribuição espacial é de 25 plantas no Noroeste paranaense, 10 no Extremo Leste e 7 no Centro-Oeste. Paralelamente ao aumento do parque industrial feculeiro, foram implantadas várias

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020

farinheiras de médio e grande portes. Com isso e a partir desta época, estava consolidado o novo rumo da mandiocultura no Paraná. O Estado tornou-se o segundo produtor nacional de raiz e assumiu a liderança na produção de fécula.

A produção brasileira de fécula experimentou um expressivo aumento durante o período de 29 anos, passando de 170 mil toneladas em 1990 para um volume de 466.031 mil toneladas no ano de 2019, o que significa cerca de 174% de crescimento. O maior volume de produção já alcançado no Brasil foi no ano de 2015, com 755 mil toneladas e nos anos seguintes esses volumes caíram para uma média de 400 mil toneladas, esta queda na produção é explicada no primeiro momento pela seca nos estados do Nordeste que tinham aumentado a demanda pela farinha do Paraná, o que causou maior concorrência com as fecularias. Outro fator relevante foi o menor consumo de fécula pelas indústrias em geral nos últimos anos.

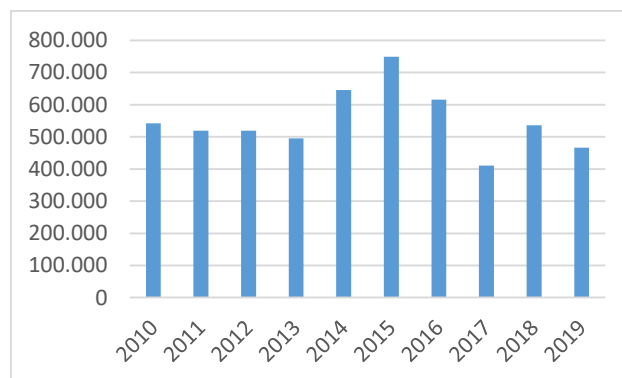
Dentre os maiores produtores de fécula destacam-se os estados do Paraná que representa acima de 60% da produção nacional e na sequência o Mato Grosso do Sul, São Paulo e em menor escala o estado de Santa Catarina. Atualmente, o Mato Grosso do Sul vem apresentando um contínuo crescimento na produção agrícola e industrial e na opinião dos técnicos e empresários do setor esta evolução deverá continuar nos próximos anos. Ressalte-se que diferente do Paraná onde a fronteira agrícola já está esgotada, no Mato Grosso do Sul existe grande disponibilidade de terra e aos preços mais atrativos. (TABELA - 3 E GRÁFICO -1).

Tabela 03 - BRASIL – Produção de Fécula nos Estados 2015 a 2019.

Estados	2015	2016	2017	2018	2019
	Prod. (t)	Prod. (t)	Prod. (t)	Prod. (t)	Prod. (t)
Paraná	520.070	419.370	249.640	-	-
Mato G do Sul	184.940	145.370	112.250	-	-
São Paulo	43.410	49.420	39.200	-	-
S. Catarina	2.450	1.700	4.040	-	-
Bahia	4.530	-	5.750	-	-
Pará	-	-	-	-	-
Brasil	755.410	616.230	410.880	536.611	466.031

Fonte: CEPEA, SEAB/DERAL, 2020.

Gráfico 01 – Brasil – Produção de Fécula – 2010 2019



Fonte: CEPEA, SEAB/DERAL, 2020.

2.4 – Demanda Brasileira de Fécula

Praticamente toda a produção de fécula de mandioca se destina ao abastecimento do mercado interno e uma pequena parcela é exportada para outros países, o que geralmente gera em torno de 1% do volume total produzido no País. Porém, em anos de seca nos estados do Nordeste, as farinheiras do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso passam a consumir mais mandioca em detrimento da produção de fécula, gerando a necessidade de pequenas importações. Neste caso também ocorre eventualmente a substituição de fécula de mandioca pelo amido de milho.

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020

O uso de fécula é expressivo e entra na composição de inúmeros produtos, com especial destaque para a indústria de papel e papelão, os frigoríficos, a indústria alimentícia, a química e a têxtil. Nos últimos anos observa-se uma crescente demanda pela indústria alimentícia que utiliza a fécula de mandioca no fabrico de pão de queijo e na tapioca, cujo produto começa a ser consumido em larga escala, também, nos estados do Sul do Brasil. Durante os dois últimos anos, devido à crise no setor industrial brasileiro, o segmento atacadista vem enfrentando certa dificuldade no repasse aos segmentos que utilizam a fécula. (TABELA-4)

Tabela 04 - BRASIL – Principais setores consumidores de fécula - 2015 – 2019.

Setores	2015	2016	2017	2018	2019
Panificação	25,4	22,8	27,7	22,0	30,2
atacadista	19,1	18,9	19,6	18,4	13,5
tapioca	1,2	7,5	13,6	12,9	11,8
Papel/Papelão	16,5	8,9	5,4	6,0	13,0
Frigorífico	12,3	17,6	16,2	21,6	8,5
Outras fecularias	12,4	6,0	5,0	3,7	9,5
Varejistas	3,6	7,3	6,2	6,4	6,3
Têxtil	1,9	2,6	2,7	1,4	0,0
Ind. Química	2,7	5,2	1,6	3,7	0,9
Outros	5,8	9,8	1,9	3,4	5,1
Exportação	3,0	0,9	0,4	0,5	1,3

Fonte: CEPEA, SEAB/DERAL, 2020.

2.5 – Mercado Internacional de Fécula

Durante os últimos anos, o mercado internacional de fécula praticamente não apresenta variações e continua dominado pela Tailândia; maior produtor e exportador mundial. Ao longo de décadas, as exportações tailandesas representam cerca de 85% do total transacionado no mercado internacional e se destina principalmente para a União Europeia. Eventualmente, os empresários brasileiros também importam pequenas quantidades daquele país.

A quantidade de fécula produzida no Brasil está de certa forma ajustada com a demanda do mercado interno, a exceção de algumas safras, quando ocorrem secas nos estados Nordesteiros. Neste caso, a Região Sul e principalmente o Paraná, produzem mais farinha para atender a demanda dos estados Nordesteiros. Quando isto ocorre, produz-se menos fécula e neste caso os empresários importam, geralmente do Paraguai e em menor escala da Tailândia.

A maior quantidade de fécula já exportada pelo Brasil, ocorreu no ano de 2015 quando o volume atingiu aproximadamente 22.000 toneladas do produto ou o equivalente a 3% da produção total daquele ano. Após este período as quantidades exportadas foram reduzidas e atualmente não ultrapassa a 1% da produção brasileira. (TABELA – 5).

Tabela 05-A - BRASIL – Principais Estados exportadores de fécula – 2015-2016

Estados	2015	2015	2016	2016
	t	US\$ (1.000)	t	US\$ (1.000)
Paraná	11.540	5.803	5.688	3.687
Mato G do Sul	2.044	940	5.506	2.616
Santa Catarina	956	706	1.281	940
São Paulo	6.920	2.922	816	641
Outros	138	213	91	185
Brasil	21.598	10.584	13.382	8.069

Fonte: MDIC/SELEX, SEAB/DERAL, 2020.

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020
Tabela 05-B - BRASIL – Principais Estados exportadores de fécula – 2017-2018

Estados	2017	2017	2018	2018
	t	US\$ (1.000)	t	US\$ (1.000)
Paraná	1.318	1.348	2.490	2.494
Mato G do Sul	282	273	600	575
Santa Catarina	374	425	726	814
São Paulo	179	144	945	378
Outros	181	134	266	131
Brasil	2.334	2.324	4.577	4.493

Fonte: MDIC/SELEX, SEAB/DERAL, 2020.

Tabela 05-C - BRASIL – Principais Estados exportadores de fécula – 2019-2020

Estados	2019	2019	2020*	2020*
	t	US\$ (1.000)	t	US\$ (1.000)
Paraná	2.550	3.244	4.254	3.041
Mato G do Sul	1.056	633	1.803	785
Santa Catarina	726	885	727	815
São Paulo	1.049	1.355	1.780	2.133
Outros	158	212	194	171
Brasil	6.539	6.329	8.811	6.995

Fonte: MDIC/SELEX, SEAB/DERAL, 2020.

*Janeiro a Setembro/2020

3 – Paraná

3.1 – Produção

Apesar do esgotamento da fronteira agrícola, da disputa de terras notadamente pelo plantio de grãos, os altos preços do arrendamento e da falta de mão de obra, o Paraná ainda continua sendo o segundo produtor de mandioca. Perde na produção agrícola para o estado do Pará, porém é o líder absoluto na industrialização em especial na produção de fécula, nos produtos modificados e também se destaca na fabricação de farinha.

O cultivo mais tecnificado e as maiores áreas cultivadas se concentram nas regiões Noroeste e Oeste do Estado. Nestas regiões os cultivos são mais

tecnificados, as lavouras em sua grande maioria ocupam áreas maiores e predomina a mecanização, à exceção da colheita que ainda não se desenvolveu uma máquina adequada. Nas regiões Noroeste, Oeste e Centro-Oeste está localizado o parque industrial que conta, atualmente, com 42 fecularias e aproximadamente 50 farinheiras. A produção estadual estima-se que cerca de 70% seja destinado ao fabrico de fécula, farinha e polvilho azedo. Sua distribuição espacial concentra-se nos Núcleos Regionais de Umuarama com 35%, Paranavaí 29%, Campo Mourão 9% e Toledo 6%.

O cultivo da mandioca tem o privilégio de estar presente em todos os municípios do Estado. Porém onde não existem indústrias, as áreas são menores e a pouca produção é destinada basicamente ao consumo humano e animal. Em função da produção em pequena escala, os produtores não empregam praticamente nenhuma tecnologia, a produtividade é baixa e as pequenas sobras são comercializadas em supermercados ou em feiras livres.

Entretanto, observa-se que durante os últimos anos a mandioca de mesa vem sendo bastante valorizada nos municípios próximos aos grandes centros consumidores, como Curitiba, Londrina, Maringá e Cascavel. A maior dificuldade na comercialização e no consumo da mandioca de mesa está ligado diretamente ao problema de cozimento, muitas vezes reclamado pelas donas de casa. Para amenizar este problema foi criado um grupo de trabalho constituído por várias entidades governamentais e privadas. Este projeto iniciado em 2019, conta com a parceria da SEAB/DERAL/EMATER/IAPAR, Prefeitura de Curitiba, SEBRAE e cooperativas de pequenos produtores. Em resumo, o objetivo principal deste trabalho é a obtenção de um produto de qualidade,

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020

competitivo em preço e que resolva o problema de cozimento.

Este grupo de trabalho está levando em conta toda a cadeia da cultura. Os técnicos de campo realizaram a análise do solo, a escolha de material visando as melhores variedades e a partir do mês de junho já serão colhidas as primeiras lavouras. A mandioca produzida nas imediações de Curitiba, será comercializada principalmente na CEASA e depois seguirá o fluxo normal de vendas até chegar ao consumidor final. (TABELA – 6)

Tabela 06 - PARANÁ – Área e Produção nos principais Núcleos Regionais

Núcleos Regionais	Safrá 2019/2020		Safrá 2020/2021	
	Área(ha)	Prod. (t)	Área(ha)	Prod. (t)
Umuarama	53.300	1.240.000	53.300	1.240.000
Paranavaí	42.500	1.041.000	44.000	1.009.800
C. Mourão	14.000	326.200	14.000	406.000
Curitiba	7.500	152.000	7.800	160.000
Maringá	6.600	175.600	7.000	175.000
Toledo	6.500	232.000	8.000	232.000
Outros	19.800	369.200	18.100	226.800
Total	150.200	3.536.000	152.200	3.449.600

Fonte: SEAB/DERAL, 2020.

3.2 – Mão de Obra

Na composição dos custos de produção da mandioca, o fator mão de obra é bastante intenso, impactando em altos valores e ficando cada vez mais escasso no campo. No Paraná, este fato contribuiu na extinção da cultura do algodão e mais recentemente tornou-se um dos entraves que mais limita o cultivo de mandioca. A redução de mão de obra no campo teve o seu início na década de 80, a intensificação da mecanização nas lavouras de soja, milho e trigo.

Dentre os itens que compõem o custo de produção da mandioca, o uso de mão de obra representa a maior parcela, geralmente situando-se

em torno de 50 a 60%. Na safra de 2019/2020 foram cultivados cerca de 150 hectares de mandioca e utilizando-se um coeficiente de 0,2 homens por hectare ano, estima-se que a cultura empregou, em nosso Estado, aproximadamente 30.000 trabalhadores. Assim sendo, pode-se afirmar que a cultura de mandioca ainda está contribuindo na manutenção do homem no campo.

3.3 – Rentabilidade Econômica

Esta é o principal item na tomada de decisão do produtor na hora de plantar. É o foco ou a orientação na escolha da cultura a ser implantada e visando, evidentemente, o melhor lucro que a atividade possa lhe proporcionar no momento da comercialização. Vale lembrar que a cultura registrou ótimos resultados durante os anos de 2016 até meados de 2019, quando foram alcançadas rentabilidades positivas em todas as safras.

Este longo período de bons resultados é sem dúvida resultante de uma significativa redução de plantio e também pela maior demanda pelos atacadistas nordestinos. Nestes anos, ocorreram várias situações de seca no Nordeste do Brasil e com isso houve maior procura pela farinha paranaense. Quando este fato se acentua, cria-se maior disputa entre as farinheiras e as feculares e consequentemente resulta no aumento dos preços aos produtores.

Contudo, já a partir da metade do ano de 2019, as vendas de farinha para o Nordeste começaram a escassear, a crise no setor industrial afetou o consumo de fécula e o resultado foi a queda nos preços. A situação agravou-se com a chegada do Coronavírus, uma vez que as vendas caíram drasticamente, tanto de farinha como de fécula. A rentabilidade econômica durante o segundo trimestre de 2020 foi positiva em 37% sobre custo variável,

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020

mas mostrou-se negativa sobre o custo total de produção.

3.4 – Preços

Apesar de uma acentuada redução no plantio durante os últimos 4 anos, observa-se a sua forte dependência do mercado nordestino com a venda da farinha, em momentos de frustração de safras naqueles Estados. Já no caso da fécula, o setor aposta na retomada do crescimento industrial para a melhora da comercialização, pois também está enfrentado sérios problemas de mercado durante o primeiro semestre de 2020.

Porém, a partir do segundo semestre/2020, começou uma forte reação nos preços e no mês de setembro os produtores já receberam em média de R\$ 374,00 / t de mandioca posta na indústria, o que significou um aumento de 23% em relação ao mesmo período do ano passado. A fécula, no atacado, foi comercializada a R\$ 59,00/sc de 25Kg ou cerca de 26% de aumento e a farinha apresentou um aumento de 27%, passando de R\$ 66,00/sc 50 kg para R\$ 84,00/sc de 50 kg durante estes 12 meses.

Ressalta-se ainda que nos primeiros 10 dias do mês de outubro os preços subiram mais de 30%, ou seja, nos Núcleos de Campo Mourão, Paranavaí e Umuarama os produtores já estão comercializando a R\$ 530,00 / t de mandioca posta na indústria. Este valor comparado ao mês de outubro de 2019 significa um acréscimo de 71%. Uma das explicações de alto e rápido aumento é a forte seca que está dificultando a colheita e o expressivo aumento na demanda pela fécula, em função da volta ao trabalho de algumas indústrias que devido ao isolamento, ficaram vários meses paralisadas.

3.5 – Prognóstico

Dentro de uma retrospectiva de 5 anos, observa-se que a cultura da mandioca apresenta ciclos favoráveis ou desfavoráveis em períodos que variam de 3 ou 4 anos. Pode-se afirmar que após a safra de 2014/15 quando o setor enfrentou sérios problemas com a comercialização, os próximos 3 anos foram altamente satisfatórios. Este período durou até meados do segundo semestre de 2019, período em que os preços recebidos pelos produtores começaram a escalada descendente e, registrando valores próximos aos custos de produção nos meses de maio e junho de 2020.

Diante da extraordinária valorização dos grãos tanto da soja como do milho, as três últimas safras foram marcadas pela redução do plantio de mandioca. Estas culturas estão absorvendo maiores quantidades das terras disponíveis em nosso Estado, em detrimento da cultura de mandioca. A valorização destes produtos e aliando-se o curto ciclo, geralmente 3 ou 4 meses, contra 12 a 18 meses da mandioca, elevou muito os preços de arrendamento e ainda os fazendeiros estão dando preferência à produção de grãos.

A dificuldade de arrendamento e os altos valores na Região Noroeste do Paraná, está deslocando os produtores para os estados vizinhos do Mato Grosso do Sul, de São Paulo, na busca de melhores preços e também pela maior disponibilidade de terras, geralmente arrendadas de proprietários que desejam renovar suas pastagens degradadas. Esta prática consiste em plantio de duas safras e ao término o produtor de mandioca entrega a área ao fazendeiro que na sequência planta novamente o pasto.

O cenário, em 2019, foi fortemente prejudicado pela pandemia provocada pelo Coronavírus, Covid-19 e ainda às poucas vendas de

Prognóstico Cultura MANDIOCA - Novembro de 2020

farinha para os estados do Nordeste em função de boas colheitas naqueles Estados. O setor industrial brasileiro já vinha registrando crescimentos reduzidos e por vezes até negativos. Esta situação se agravou mais expressivamente a partir de março/2020 com o aparecimento do COVID-19, pois com o isolamento social em vários segmentos industriais a demanda por fécula de mandioca ficou reduzida e a queda dos preços se acentuou.

Com uma área de 150.200 hectares na safra de 2019/2020, o Paraná praticamente estabilizou a área de plantio de mandioca. Esta situação e somando-se a produção que os produtores paranaenses detêm nos estados vizinhos, é de certa forma suficiente para atender a demanda industrial das fecularias e das farinheiras instaladas no Paraná. Caso os baixos preços permaneçam nos próximos meses em que se antecede a concentração do plantio é bem provável que a próxima safra de 2020/2021 não apresente grandes alterações na área de plantio, podendo pela lógica dos fatos apresentar uma pequena redução, comparativamente ao ano passado.

Com a alta valorização dos grãos, em especial das commodities soja e milho já é possível vislumbrar um cenário desfavorável ao plantio de mandioca para a nova safra de 2020/2021. Neste momento, início do mês de outubro/2020, a tendência para o novo plantio é de estabilidade de área ou até mesmo uma pequena redução. As primeiras estimativas realizadas pelos técnicos de campo indicam uma área a ser plantada de 152.200 ha e uma produção da ordem de 3.596.000 toneladas de mandioca em raiz. Esta estimativa representa um aumento de 1,3% na área plantada e 1,7 de acréscimo na produção, comparativamente à safra de 2019/2020.

4 - Referências Bibliográficas

CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada -
<https://www.cepea.esalq.usp.br/br>

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
<http://www.fao.org/brasil/pt/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -
<https://www.ibge.gov.br/>

Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços -
<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior>

DERAL/SEAB, Previsão de Safras, disponível em:
<http://www.agricultura.pr.gov.br/deral/safras>